

DIA RUIM: A TEORIA DO TRAUMA NO IMAGINÁRIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO BATMAN

A BAD DAY: THE PRESENCE OF THE TRAUMA THEORY IN THE IMAGINARY WORLD OF STORIES OF THE BATMAN COMIC BOOKS

Monayra Ramalho Leal Couto

Graduada em Psicologia pela Universidade de Rio Verde
E-mail: monayra_xd2@hotmail.com

Claudio Herbert Nina e Silva

Professor do Laboratório de Psicologia Anomalística e Neurociências da Universidade de Rio Verde
E-mail: claudioherbert@unirv.edu.br

RESUMO

Histórias em quadrinhos representam uma forma de arte que possibilita a interface entre a literatura e as artes plásticas. Como toda obra de arte, as histórias em quadrinhos revelam influências sociais e psicológicas da sociedade. Na história em quadrinhos “A Piada Mortal”, a personagem Coringa enuncia a sua tese do “dia ruim”: a diferença entre a sanidade e a loucura seria apenas um “dia ruim”, um trauma, na vida de uma pessoa. Portanto, o presente estudo teve por objetivo verificar a presença da teoria do trauma no mundo imaginário das histórias em quadrinho do Batman. Para tanto, foram comparadas as implicações psicopatológicas do “dia ruim” das personagens: Batman e Coringa. Os resultados evidenciaram que, embora abandonada pela Psicanálise, a teoria do trauma persiste no mundo imaginário das histórias em quadrinhos do Batman.

Palavras-chave: Psicanálise. Novo-historicismo. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

The comic books represent an art form that enables the interface between the literature and the plastic arts. As any other piece of art, the comic books reveal the social and psychological influences of a society as well. In the comic book "The Killing Joke", the Joker character states his thesis of the "bad day": the difference between sanity and madness would be just a "bad day", a trauma in a person's life. Therefore, the purpose of this study was to verify the presence of the trauma theory in the imaginary world of stories of the Batman comic books. For this, the

psychopathological implications of the "bad day" of the Batman and the Joker characters were compared. The results showed that although abandoned by psychoanalysis, the trauma theory persists in the imaginary world of stories of the Batman comics.

Key-words: Psychoanalysis. New Historicism. Comic Books.

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (HQs) são uma forma representativa de arte contemporânea (JARCEM, 2007). E como forma de arte, meio de expressão do imaginário popular e interface entre a literatura e as artes plásticas, as HQs têm sido alvo de inúmeros estudos antropológicos, semióticos e psicológicos desde meados do século passado (DE MOYA, 1972).

Esse interesse das Ciências Humanas pelas HQs decorre do fato de, como toda forma de arte, elas serem uma forma de expressão da cultura de determinada época (RAHDE, 1996). De acordo com os pressupostos do movimento de crítica literária novo-historicista, toda forma de arte revela as influências sociais, culturais e psicológicas da sociedade e do momento histórico no qual foram produzidas (GREENBLATT, 1991).

A influência sociocultural e psicológica do momento histórico também seria perceptível nas HQs, visto que elas demonstram as mudanças nas formas de manifestação da escrita, da retórica visual e das características psicológicas típicas de cada época e cultura (DE MOYA, 1972).

A evolução das técnicas de retórica visual e as constantes mudanças na forma da escrita e imagens das HQs aconteceram para acompanhar as sucessivas e constantes transformações nas necessidades psíquicas e nos gostos estéticos dos leitores (RAHDE, 1996; JARCEM, 2007). A fala, o comportamento e, até mesmo, o vestuário e as cores das personagens das HQs foram se adaptando às expectativas dos leitores de cada época a despeito da criatividade artística dos roteiristas e desenhistas. Por causa disso, as características das personagens são consideradas marcos definidores de "eras" dentro do universo das HQs (DE MOYA, 1972; RAHDE, 1996; JARCEM, 2007).

Essa influência das expectativas dos leitores sobre a evolução das características das personagens de HQs é demonstrada quando se analisa, por exemplo, a transformação progressiva pela qual passou a caracterização do vestuário e do porte físico da personagem Batman. Na primeira aparição dessa personagem em 1939, ele era retratado como um herói corpulento, mas não musculoso, trajando uniforme escuro de tecido comum, portando armas de fogo e se comportando como um detetive de romance de estrutura folhetinesca tipicamente *noir* ou *hard boiled* (FINGER; KANE, 1939/2008).

Nos anos 1960-1970, adaptando-se ao zeitgeist, os desenhistas passaram a retratar o Batman trajando um uniforme colorido e espalhafatoso, apresentando a estrutura corporal de um homem comum e comportamento cômico (FINGER; MOLDOFF, 1963/2008) ou paternal (ROBBINS; GIORDANO, 1973/2008). Atualmente, desde a saga conhecida como “Novos 52” (SNYDER; CAPULLO, 2012; 2013), o Batman tem sido retratado usando, como uniforme, uma armadura corporal de cor escura fosca, sem a tradicional “sunga por cima do uniforme” das décadas anteriores, com um comportamento militarizado.

O universo das HQs do Batman tem sido estudado desde a década de 1950 do século passado (DE MOYA, 1972). E desde o início desses estudos, tem se dado especial ênfase à questão do trauma de infância da personagem Bruce Wayne (LANG, 1990). A história do Batman costuma ser apresentada pelos estudos psicológicos como um exemplo do “conflito inconsciente” entre duas personalidades antagônicas convivendo na mesma pessoa (ASSUMPÇÃO, 2009; BONOMI-LOTUFO NETO, 2010; NINA-E-SILVA, 2014).

Na HQ “A Piada Mortal” (MOORE; BOLLAND, 1988), a personagem Coringa afirma que não há uma diferença essencial entre um homem normal e um “louco”. Na visão do Coringa, só é preciso um “dia ruim”, isto é, uma tragédia pessoal, para transformar o mais normal dos homens em um lunático.

Além disso, o Coringa destaca que a loucura é a única forma de escapar ao sofrimento insuportável que vem depois do “dia ruim”. Nas palavras da personagem Coringa: “Assim, quando você estiver dentro de um desagradável trem de recordações, seguindo para lugares do seu passado onde o grito é insuportável... lembre-se da loucura. Loucura é a saída de emergência” (MOORE; BOLLAND, 1988, p.24).

A tese do “dia ruim” se assemelha a uma concepção etiológica da psicopatologia conhecida como teoria do trauma (FREUD, 1893/1996; 1895/1996; 1896/1996; 1938/1996; JUNG, 1916/2011; 1971/2011; FAVERO, 2009). Nos primórdios da Psicanálise, acreditava-se que a presença de lembranças alucinatórias de eventos traumáticos seria o ponto central de um ataque histérico, constituindo-se na etiologia essencial para o desencadeamento da histeria (FREUD, 1893/1996; 1895/1996; 1896/1996; JUNG, 1971/2011; FAVERO, 2009). Desse modo, o significado dado à lembrança de um evento interpretado como particularmente desagradável pode ser um trauma psíquico apto a provocar a histeria e outras desordens neuróticas.

Na concepção original da teoria do trauma, Freud (1893/1996; 1895/1996; 1896/1996) considerou que uma experiência é traumática para o sujeito quando um acontecimento real e pessoal de sua história altera o fluxo de excitações do psiquismo, causando transtornos energéticos transitórios ou efeitos patogênicos duradouros.

De acordo com Jung (1916/2011, p. 23), a teoria do trauma postulava que “(...) o sintoma histérico e, na medida em que os sintomas constituem a doença, a própria histeria vem da psique abalada (trauma)”.

Contudo, essa concepção psicopatológica da teoria do trauma acabou sendo abandonada no decorrer da evolução teórica da Psicanálise (FREUD, 1938/1996; JUNG, 1916/2011; 1971/2011; KAUFMANN, 1996; ROUDINESCO; PLON, 1998; FAVERO, 2009). Segundo Freud (1895/1996), na histeria comum, não é difícil de, em vez da ocorrência de um grande trauma, encontrar vários traumas parciais, cuja soma pode exteriorizar um efeito traumático.

Para Jung (1916/2011), por sua vez, a avaliação do trauma como fator etiológico para o desencadeamento de uma psicopatologia deve ser feita cuidadosamente. Afinal:

“(...) A intensidade de um trauma, em si, tem pouca determinação patogênica, mas este deve ter para o paciente um significado particular. Em outras palavras, não é o choque em si que provoca invariavelmente a doença, mas esta ocorre quando ele [o choque] encontra uma determinada disposição psíquica, que poderia ser o fato de o paciente atribuir inconscientemente um significado específico do choque” (JUNG, 1916/2011, p.24).

As evidências clínicas levaram à conclusão de que o trauma não seria o fator etiológico essencial na produção da neurose, visto que:

(...) o trauma, motivo aparente da doença, nada mais é do que a oportunidade que algo fora do domínio da consciência – isto é, um importante conflito erótico – tem de se manifestar. Assim sendo, o trauma perde a exclusividade, sendo substituído por uma interpretação muito mais abrangente e profunda, que envolve um conflito erótico como agente patogênico (JUNG, 1916/2011, p.28).

Mas será que essa influência da teoria do trauma ocorreu apenas em “A Piada Mortal” (MOORE; BOLLAND, 1988) ou também estaria presente em outras histórias do universo Batman? Com o intuito de elucidar essa questão, o objetivo do presente estudo foi verificar a presença da teoria do trauma no imaginário das histórias em quadrinho do universo ficcional do Batman.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

O presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfico e descritivo, envolvendo a técnica de análise de conteúdo e análise comparativa. O referencial teórico utilizado na análise foi psicodinâmico (FREUD, 1938/1996; JUNG, 1916/2011; 1971/2011).

2.2 PROCEDIMENTO

Realizou-se a análise de conteúdo de uma amostra de histórias das personagens Batman e Coringa para a identificação da presença de elementos da teoria do trauma na caracterização de cada uma dessas personagens.

A técnica de amostragem empregada foi a amostragem não probabilística ou intencional (MATTAR, 1996; COZBY, 2003), visto que foram selecionadas, deliberadamente, apenas aquelas histórias que descrevessem a história de vida e/ou explicações para o desenvolvimento da personalidade de cada uma das personagens.

Por meio dessa técnica, 22 histórias foram selecionadas para compor a amostra de análise, abrangendo o período de 1939 até 2013.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O “DIA RUIM” DE BRUCE WAYNE (BATMAN)

Analisando em conjunto as HQs que retratam especificamente a morte dos pais de Bruce Wayne (FINGER; KANE, 1939/2008; MILLER; VARLEY, 1986/2011; MILLER; MAZZUCHELLI, 1987/2011; BARR; DAVIS, 1987/2008; ROSS; DINI, 2000; AZZARELLO; RISSO, 2007; SNYDER; CAPULLO, 2012; 2013; JOHNS; FRANK, 2013; NOCENTI; TARRANGONA, 2013), identificamos esse evento como o “dia ruim” de Bruce Wayne.

A partir desse “dia ruim”, na concepção de roteiristas britânicos e norte-americanos de diferentes gerações, Bruce Wayne tomou decisões que o afetaram pelo resto da vida, incluindo a irrealizável promessa de vingar a morte dos pais por meio da erradicação do crime na cidade de Gotham.

A HQ “Batman” (FINGER; KANE, 1939/2008) descreve a origem do justiceiro Batman em apenas duas páginas. O primeiro quadrinho da HQ sintetiza o caráter e a missão da personagem: “este é Batman, estranha criatura da noite, o vingador do crime” (FINGER; KANE, 1939/2008, p.10).

Na versão original de Finger e Kane (1939/2008), o casal Thomas e Martha Wayne e seu filho Bruce são abordados por um ladrão armado com uma pistola. Não há indicação de onde ocorreu o crime, nem tampouco de onde vinha ou para que local se dirigia a família Wayne. No decorrer do assalto, Thomas Wayne reage e é morto a tiros pelo ladrão. Ato contínuo, o ladrão assassina Martha Wayne, deixando apenas o menino Bruce Wayne vivo.

O trauma da criança, a essência do “dia ruim” de Bruce Wayne, é expresso pelo narrador da seguinte forma: “os olhos do menino se arregalam com terror e choque enquanto ele presencia a terrível cena” (FINGER; KANE, 1939/2008, p.11). Alguns dias depois, ajoelhado ao pé da cama e iluminado por uma vela, o menino Bruce Wayne faz o seguinte juramento: “e eu juro pelos espíritos dos meus pais vingar a morte deles passando o resto da minha vida lutando contra o crime” (FINGER; KANE, 1939/2008, p.11).

Essa descrição original da origem do Batman será recontada inúmeras vezes por diversos roteiristas ao longo de décadas, resistindo inclusive à reformulação radical da personagem na década de 1980 (MILLER; VARLEY, 1986/2011; MILLER; MAZZUCHELLI, 1987/2011; BARR; DAVIS, 1987/2008). E embora alguns aspectos da descrição original tenham sido modificados, tais como a atitude de Thomas Wayne durante o assalto, o local/momento do juramento do menino Bruce Wayne de lutar contra o crime ou a motivação do homicida, sempre permaneceu inalterada a noção de que um “dia ruim”, isto é um trauma, explica as atitudes da personagem, visto que teria determinado a transformação de Bruce Wayne no Batman. Isso evidencia que a teoria do trauma persistiu viva como hipótese explicativa do comportamento na cultura anglo-saxônica durante todo o século XX e a primeira década do século XXI.

Por exemplo, duas séries de HQs recentes, a saga “Novos 52” (SNYDER; CAPULLO, 2012; 2013) e “Batman: Terra Um” (JOHNS; FRANK, 2013), demonstram a persistência da teoria do trauma na cultura anglo-saxônica contemporânea ao recontar a origem do Batman de uma forma mais detalhada e psicológica do que a versão original de Finger e Kane (1939/2008), embora menos sombria e politizada do que as versões da década de 1980 (MILLER; VARLEY, 1986/2011; MILLER; MAZZUCHELLI, 1987/2011; BARR; DAVIS, 1987/2008; MORRISON; MCKEAN, 1989) e mais explícita do que as versões mais sutis do início do século XXI (ROSS; DINI, 2000).

As versões de Snyder e Capullo (2012; 2013), de Johns e Frank (2013) e de Nocenti e Tarrangona (2013) para a origem do Batman mantêm inalterada a noção do trauma como fator explicativo essencial para a conduta de Bruce Wayne proposta 74 anos antes por Finger e Kane (1939/2008).

A análise da amostra de HQs revelou que, desde 1939 até 2013, os roteiristas têm descrito que a faceta de milionário hedonista vivenciada por Bruce Wayne seria apenas uma obrigação incômoda, desprovida de qualquer prazer, que serve apenas ao objetivo de combate implacável ao crime pelo Batman. Além disso, verificou-se que, paulatinamente, os roteiristas passaram a descrever que o Batman se tornou a personalidade predominante e que o Bruce Wayne *playboy* se tornou meramente uma *persona*, uma máscara social projetada para dissimular o real caráter do Bruce Wayne transfigurado no Batman.

Nesse sentido, a nossa análise indica que, na visão dos artistas que conceberam as HQs do Batman, em virtude do “dia ruim” (o trauma da morte dos pais), Bruce Wayne decidiu fazer um juramento tão próximo do inalcançável (erradicar o crime em Gotham) e essa decisão aproximou essa personagem do território da insanidade inexoravelmente. A promessa de livrar Gotham dos criminosos se tornou uma obsessão neurótica para Bruce Wayne.

Por conta dessa obsessão imaginada pelos roteiristas, Bruce Wayne se impôs uma exaustiva rotina de treinamento físico e mental que não lhe permitia sequer se recuperar fisicamente do cansaço e de eventuais ferimentos que contraía ao combater os malfeitores. Além dessa rotina espartana, os roteiristas descreveram que a disciplina draconiana a que Bruce Wayne se obriga voluntariamente a seguir para poder se tornar uma máquina perfeita de combate ao crime o afasta de contato humano afetivo. Para minimizar esse isolamento, os roteiristas incluíram nas histórias a presença constante do mordomo Alfred e a eventual companhia de algum dos Robins, por certo período, e de alguma relação amorosa fugaz com figuras femininas de tempos em tempos (tais como Vick Vale, Talia al Gul e Selyna Kyle).

Na Hq “Asilo Arkham” (MORRISON; McKEAN, 1989), os autores fizeram o Batman ver o Asilo Arkham como a linha limítrofe entre a sanidade e a loucura. Nessa HQ, os internos iniciaram uma rebelião no Asilo Arkham e tomaram os funcionários como reféns. Então, o Coringa telefona para o Departamento de Polícia de Gotham e diz ao Batman: “Nós queremos você. Aqui com a gente no manicômio. Onde é o seu lugar” (MORRIS; McKEAN, 1989, p.22).

Antes de entrar no asilo, em uma conversa com o Comissário Gordon, o Batman assume que não tem medo de quem está lá dentro, mas sim de si próprio ao entrar no asilo e se conscientizar dos próprios distúrbios psicológicos. Com efeito, o Batman diz ao Comissário: “Batman não tem medo de nada. Sou eu. É de mim que tenho medo. Medo que o Coringa esteja certo sobre mim” (MORRIS; McKEAN, 1989, p.25).

Essa passagem significativa revela que, na imaginação dos roteiristas, o Batman sabe que toda a rigidez e fervor com que ele se entrega às ações para cumprir a promessa de uma cruzada incansável contra o crime são sinais de uma perturbação neurótica obsessiva. Por isso, na visão dos roteiristas, o Batman é comparável ao Coringa no que concerne ao isolamento social e à natureza insana das motivações e ações de ambas as personagens. Se, por um lado, o Coringa abandona a lucidez e se torna um criminoso brutal em prol de uma ideologia do caos, o Batman, por seu turno, também renuncia à perspicuidade e se transforma em um justiceiro impiedoso ao se engajar em uma utópica luta sem quartel contra o crime. E, mais uma vez, os roteiristas deixam claro que ambas as personagens seriam insanas por conta de seus traumas.

Em outra passagem de “Asilo Arkham”, depois de entrar no manicômio e de ser ciceroneado lá dentro pelo próprio Coringa, o Batman encontra a psicoterapeuta Ruth Adams. Após comentar com o Batman sobre a teoria de que o Coringa seria o próximo estágio da evolução da consciência humana, Ruth Adams é estimulada pelo Coringa a fazer um teste de associação de palavras com o Batman. As respostas fortemente emocionais do Batman para as palavras selecionadas pela psicoterapeuta, tais como “mãe”, “mão”, “arma” e “pai”, indicam a influência da teoria do trauma sobre o trabalho artístico dos roteiristas.

Na HQ “Meu começo... e meu provável fim” (BARR; DAVIS, 1987/2008), Robin (Jason Todd) tinha sido alvo de um atentado violento por parte do Chapeleiro Louco. O Batman leva o Robin ferido nos braços para um hospital. Enquanto o Batman espera Robin ser examinado, ele fecha os olhos e relembra a cena do dia da morte de seus pais. A Dra. Leslie, uma médica que conhece a verdadeira identidade do Batman, acorda-o e lhe diz que Robin, apesar das lesões, irá sobreviver. Então, a médica repreende o Batman pelas ações perigosas nas quais ele se envolve no combate ao crime, mas ele replica ressaltando que o trabalho que ele e Robin exercem é de tamanha importância que não tinha como ser evitado e que ambos sabiam das consequências. Buscando justificar à Dra. Leslie o porquê do combate violento contra os criminosos que resultou no ferimento do Robin, o Batman diz a ela o seguinte:

Eu fiz por ele [Robin]... pelo menino que salvei de uma vida de crimes... pelo menino que se salvou... Eu não escolhi Jason para o meu trabalho. Ele foi escolhido pelo trabalho. Como eu fui escolhido... para fazer o trabalho que nasci para fazer... O trabalho da minha vida... trabalho que se tornou a minha vida (BARR; DAVIS, 1987/2008, p.134).

Dessa maneira, na concepção dos roteiristas, Bruce Wayne realmente acredita que não teve outra escolha a não ser aceitar o destino de se transformar no Batman. Ele de fato crê que o dia da morte de seus pais foi como um chamado para que a justiça voltasse até Gotham, como mostrado na HQ “Ano Um” (MILLER; MAZZUCHELLI, 1987/2011). Absorto no delírio de que foi destinado a uma missão especial, Bruce Wayne cultiva a crença de que o dia que o morcego estilhaçou o vidro da janela do estúdio de seu pai foi o dia no qual ele fora escolhido para a incumbência de livrar Gotham City do crime (MILLER; MAZZUCHELLI, 1987/2011).

Portanto, torna-se claro que, para os artistas criadores das HQs do Batman, em virtude do “dia ruim”, Bruce Wayne se tornou a *persona* e o “cavaleiro das trevas”, chamado de Batman, passou a ser a real identidade da personagem.

Dessa forma, na visão dos roteiristas, cujos textos, por sua vez, refletem o imaginário da cultura na qual esses artistas foram criados (GREENBLATT, 1991), Bruce Wayne buscou

combater o crime sem trégua por várias décadas por causa de um trauma de infância. Assim, os sucessivos roteiristas das HQs do Batman reverberaram até os dias de hoje a teoria do trauma, ultrapassada na Psicanálise, mas aparentemente viva no imaginário popular.

3.2 O “DIA RUIM” DE JACK NAPIER (CORINGA)

Ao longo dos anos, mas nunca de forma inequívoca, diferentes HQs revelaram versões contraditórias da história de vida da personagem Coringa (O’NEIL; ADAMS, 1973/2008; MOORE; BOLAND, 1988; MORRISON; MCKEAN, 1989; TIMM; DINI, 1994; DIXON; NOLAN; HANNA, 1997). Essa incerteza é o resultado da decisão dos roteiristas de contarem a história do Coringa a partir da narrativa dele próprio, algo que torna o autorrelato de um louco contumaz suscetível à desconfiança.

A despeito da divergência de versões quanto à origem do Coringa, todas as histórias analisadas apresentaram o trauma como explicação básica para o comportamento insano, cruel e criminoso do Coringa. Em algumas delas (MILLER; VARLEY, 1986/2011; MOORE; BOLAND, 1988; MORRISON; MCKEAN, 1989; TIM; DINI, 1994), o Coringa alega que o Batman é tão insano quanto ele e insinua que isso aconteceria porque ambos teriam passado por situações traumáticas.

Na HQ “O Cavaleiro das Trevas” (MILLER; VARLEY, 1986/2011), as personagens Batman e Coringa são apresentados com idade bastante avançada em um futuro distópico de violência urbana e autoritarismo político. Devido a questões políticas, o governo estadunidense, tendo o Superman como aliado, proibiu os super-heróis. O Batman se aposentou do combate ao crime e o Coringa entrou em estado catatônico no Asilo Arkham. Na concepção dos autores, o Coringa desistiu da realidade, perdendo a razão de viver, porque não conseguiu suportar a realidade de um mundo onde seu “Sol” (o Batman), não brilhasse mais (MILLER; VARLEY, 1986/2011).

Porém, uma série de eventos extraordinários levou o Batman a ressurgir como combatente do crime muitos anos depois. No Asilo Arkham, ao ver a notícia do retorno do Batman na televisão, o Coringa saiu de seu estado catatônico e reiniciou as suas atividades criminosas, como se sua vida voltasse a ter sentido (MILLER; VARLEY, 1986/2011).

Em um desfecho inesperado, mas que revela a influência da teoria do trauma sobre os autores Miller e Varley (1986/2011), o já cansado e velho Batman desiste de tentar dar mais chances para o Coringa, lembra as vítimas inocentes da eterna luta contra o Coringa e quebra o pescoço dele. E antes de morrer feliz e satisfeito, o Coringa afirma que havia vencido o Batman

porque fez com que ele perdesse o controle. Além disso, o Coringa diz ao Batman que esperará por ele no inferno, insinuando que ambos eram brutalmente insanos em virtude de seus respectivos traumas (MILLER; VARLEY, 1986/2011).

A HQ “A Piada Mortal” (MOORE; BOLAND, 1988) apresenta uma versão da origem do Coringa claramente baseada na teoria do trauma. Jack Napier, um comediante desempregado e frustrado, vive em condições difíceis com a esposa grávida de seis meses. Jack Napier se desespera à medida que fracassa profissionalmente e precisa de dinheiro para pagar o aluguel atrasado há muitos meses e alimentar a esposa gestante. Então, um pouco depois de aceitar, relutantemente, o convite de um grupo de criminosos para participar do assalto a uma indústria química, Jack Napier recebe a notícia de que a esposa morrerá em um acidente com um aquecedor elétrico de mamadeiras.

Transtornado pela morte trágica da esposa grávida, Jack Napier tenta se desvencilhar do grupo criminoso, mas é forçado a participar do assalto previamente combinado. No decorrer da execução do crime, os criminosos são descobertos pelos guardas e irrompe um tiroteio. Jack Napier se encontrava no fogo cruzado entre criminosos e guardas quando o Batman surge. Assustado com essa aparição, Jack Napier se precipita em um tanque de produtos químicos antes que o Batman consiga impedi-lo. Algumas horas depois, Jack Napier emerge do tanque de produtos químicos com uma deformação física e moral permanente, tornando-se o brutal e insano Coringa (MOORE; BOLAND, 1988).

Nesse momento, Jack Napier percebe que não é mais o mesmo indivíduo de antes, que sua vida acabara de mudar drasticamente. Em face do colapso de sua vida em virtude da perda trágica da esposa e da deformação física que sofrera, Jack Napier atribuiu ao Batman seu renascimento como o Coringa, o “Palhaço do Crime” (MOORE; BOLAND, 1988).

Mas uma vez evocando a teoria do trauma, os roteiristas imaginaram que um criminoso tão cruel quanto o Coringa somente poderia ter a sua origem explicada por meio de um evento traumático na forma de uma tragédia pessoal. Dessa forma, o “dia ruim” de Jack Napier teria dado origem ao Coringa da mesma maneira que o “dia ruim” de Bruce Wayne teria criado o Batman.

No restante da HQ “A Piada Mortal”, Moore e Boland (1988) descrevem a frenética e violenta tentativa do Coringa de demonstrar a teoria do “dia ruim” que o próprio Coringa apresenta nos seguintes termos: “Só é preciso de um dia ruim pra reduzir o mais são dos homens a um lunático. Essa é a distância entre o mundo e eu... apenas um dia ruim” (MOORE; BOLLAND, 1988, p.41).

Na imaginação dos roteiristas, refletindo a teoria do trauma, o Coringa alega que a loucura é a única forma de lidar com a dor causada pelo trauma e enfatiza que a sanidade mental é algo frágil: “Apresento o homem comum. O mais repulsivo de tudo são suas frágeis e inúteis noções de ordem e sanidade, se for submetido a muita pressão... ele quebra!” (MOORE: BOLLAND, 1988, p.36).

3.1 A TEORIA DO TRAUMA NO UNIVERSO BATMAN

Apesar de a teoria do trauma ter sido superada na Psicanálise há bastante tempo (FREUD, 1938/1996; JUNG, 1971/2011; KAUFMANN, 1996; ROUDINESCO; PLON, 1998), no imaginário popular expresso por meio das HQs do Batman analisadas por este estudo, o trauma continuou sendo visto como fator causal essencial para a compreensão da personalidade das personagens no universo do Batman, desde a criação dessa personagem pelo norte-americano Bob Kane em 1939.

Considerando o pressuposto novo historicista de que uma obra de arte guarda em si as concepções da cultura na qual ela foi produzida (GREENBLATT, 1991), pode-se considerar que a teoria do trauma permaneceu uma forma de explicação válida nas culturas norte-americana e britânica nas quais se criaram os roteiristas das HQs do universo Batman desde o início do século XX até o início do século XXI.

A descrição da origem da personagem Batman narrada por diferentes autores desde 1939 é uma perfeita explanação da origem da cruzada obsessiva do Batman contra o crime a partir de um trauma de infância. Desse modo, ao longo de várias décadas, os sucessivos roteiristas das HQs do Batman insistiram em apresentar que os medos, frustrações, motivações e esperanças dessas personagens são todos derivados de um episódio traumático, revelando a persistência da teoria do trauma no imaginário popular anglo-saxônico.

Jung (1916/2011) descreveu um fenômeno de autoaniquilação inconsciente conhecido como “identificação com a Sombra”, sendo que a única forma de superá-la é por meio da reflexão crítica. Caso contrário, cai-se subjogado pela “besta louca” (JUNG 1916/2011).

A expressão “besta louca” usada por Jung (1916/2011) faz referência ao estado psicológico conhecido como *berserker* nórdico, no decorrer do qual os combatentes vikings que lutavam por Odin eram tomados por uma fúria insana e quase irracional. Desse modo, ser subjogado pela “besta louca” diz respeito ao arrebatamento brutal do indivíduo pelo seu inconsciente, ou seja, pelo “delírio dionisíaco” (JUNG, 1916/2011).

Observou-se, na amostra de HQs do Batman analisadas por este estudo, que os roteiristas conceberam a personagem Bruce Wayne identificada nitidamente com a Sombra no sentido descrito por Jung (1916/2011). Afinal, embora a criação do Batman por Bruce Wayne tenha sido feita de maneira proposital, com o intuito consciente de levar medo e terror ao coração dos vilões, ao se tornar o Batman, Bruce Wayne se identificou inconscientemente com a Sombra e entrou em um processo de autoaniquilação psicológica progressiva.

Na HQ “Primeiro Batman” (FINGER; MOLDOFF, 1956/2008), enquanto o Batman e Dick Grayson (o primeiro Robin) limpavam o sótão da Mansão Wayne, eles encontraram uma gaveta secreta na qual havia uma fantasia antiga de um morcego, muito similar ao uniforme do próprio Batman. Essa descoberta suscitou, em um primeiro instante, a suspeita de que Thomas Wayne havia sido um prógono do Batman.

Porém, posteriormente, Bruce Wayne considerou improvável a possibilidade de o pai dele ter sido um precursor do Batman. Depois do juramento que fizera, diante do túmulo dos pais assassinados durante um assalto, de que combateria todo o crime, veio o morcego estilhaçando a janela do estúdio e Bruce acreditou ser um presságio de que ele se tornaria um homem-morcego justiceiro. Na mesma gaveta, Bruce Wayne e Dick Grayson encontraram um diário e um filme, a que resolvem assistir. O filme mostrava um baile de máscaras com tema de “criaturas voadoras”. Thomas Wayne havia conquistado o primeiro lugar no concurso de fantasias dessa festa. No diário, estava escrito que, no dia do baile, o pequeno Bruce Wayne parecia fascinado pela fantasia de morcego do pai. Nas palavras do próprio Bruce Wayne: “Dick, quando aquele morcego voou pela janela, [ele] deve ter despertado a lembrança subconsciente da fantasia de meu pai! Agora percebo que adotei uma fantasia de Batman porque me lembrei do meu pai usando uma!” (FINGER; MOLDOFF, 1956/2008, p.44).

A partir daí, Bruce Wayne guardou a fantasia em um espaço privilegiado na sala de troféus da Batcaverna com a seguinte legenda: “Usada uma vez pelo primeiro homem-morcego”. Desse modo, a imagem do morcego teria sido integrada ao inconsciente de Bruce Wayne e, quando o morcego estraçalhou o vidro do estúdio anos depois, Wayne acreditou que a fantasia do Batman era sua criação original. Porém, ele teve a influência da fantasia de seu pai (imagem que estava em seu inconsciente) para adotar a figura do morcego.

Além disso, os diferentes roteiristas das HQs do Batman imaginaram que uma “corrida armamentista” foi iniciada a partir do momento em que o Batman se tornou um super-herói: os criminosos passaram a se tornar super-vilões para poder enfrentá-lo. Quanto mais intensamente o Batman combatia ao crime, melhorando seu arsenal bélico, aprimorando suas técnicas e aumentando o rigor na luta contra os vilões, mais isso incentivava os vilões a elevar o nível de

violência dos crimes deles, afundando o Batman em um círculo vicioso de brutalidade infundável (ENGELHART; GIORDANO, 1974/2008; DIXON; BARRETO, 1993; MILLAR; GIORDANO, 1996/2008; LOEB; SALE, 1998; GLASS; DALLOCCHIO, 2013).

Há exemplos de que os roteiristas se deram conta da natureza neurótica da obsessão do Batman em combater o crime a todo custo. Em “O Longo Dia das Bruxas” (LOEB; SALE, 1998), o então tenente e futuro comissário Gordon se questiona: “Gotham atrai vilões por causa do Batman?” Seguindo a mesma linha de pensamento, em “A queda do morcego” (DIXON; BARRETO, 1993), as personagens Sarah Gordon e o vilão Anarquia disseram a Batman que ele atraía vilões a Gotham.

Com base na análise da amostra de HQs do Batman, há evidências de que a presença do Batman tem um paradoxal duplo efeito: ao combater o crime com brutalidade crescente, o Batman força os seus oponentes a se aperfeiçoarem em brutalidade. Apesar de, na imaginação de diferentes gerações de roteiristas, o Batman ter trazido esperanças a Gotham, como Gordon descreveu, “trazendo luz para uma cidade condenada” (DIXON; BARRETO, 1993), os mesmos roteiristas também imaginaram que a maioria dos vilões se tornou tão obcecada pelo Batman quanto o Batman se tornou pertinaz em combatê-los (O’NEIL; ADAMS, 1973/2008; ENGELHART; GIORDANO, 1974/2008; MORRISON; MCKEAN, 1989; DIXON; BARRETO, 1993; MILLAR; GIORDANO, 1996/2008; LOEB; SALE, 1998; GLASS; DALLOCCHIO, 2013).

Pior do que isso: os vilões também aderiram ao uso de fantasias e outros acessórios tecnológicos em seus crimes, deixando até mesmo pistas e assinaturas para que o Batman veja e os persiga. Na concepção dos roteiristas anglo-saxões, é como se, com a “luz” que o Batman trouxe a Gotham, os vilões tivessem se tornado atraídos por ela, em caso similar ao que faz com que mariposas se debatam contra uma lâmpada acesa. Desse modo, desconsiderando a advertência nietzschiana, o Batman, de tanto combater monstros, tornou-se um deles.

Sobre essa questão, na HQ “A Sombra do Batman” (SNYDER; CAPULLO, 2013, p.32), Selina Kyle (a Mulher Gato) diz: “O segredo com monstros é lembrar que eles provavelmente não nasceram assim...”. De acordo com a criação literária da personalidade do Batman por sucessivas gerações de artistas, a intenção original de Bruce Wayne, ao se transformar no Batman, não era se tornar igual aos vilões que ele combatia. Porém, os próprios roteiristas foram incapazes de deixar de retratar que, depois de muito tempo em contato com os criminosos, o Batman se viu cada vez mais próximo de se tornar igual em neurose aos vilões insanos que ele combate.

Desde o surgimento do Batman em 1939 até hoje, os roteiristas se viram obrigados a modificar constantemente as táticas empregadas pelo Batman no combate ao crime. No entanto, permaneceu inalterado o fato de o Batman se comportar de modo paradoxalmente criminoso para combater o crime. Na amostra de histórias analisadas, o Batman foi retratado pelos artistas abusando de violência, utilizando a tortura como método de coleta de informações, “hackeando” informações em bancos de dados privados e invadindo propriedades particulares para obter provas incriminadoras ou capturar malfeitores.

Dessa maneira, observa-se que, na visão dos roteiristas das histórias do Batman, a teoria do trauma explicaria e justificaria psicologicamente as ações do Batman, ainda que muitas delas se afastem da legalidade estrita.

3.2 A JUSTIÇA E O CAOS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE O BATMAN E O CORINGA

Após a análise da amostra de HQs, tornou-se possível traçar uma comparação entre as personagens Batman e Coringa. No universo ficcional do Batman, não há nem unidade de origem e nem tampouco de biografia das personagens, com a notória exceção do “dia ruim” sofrido por cada uma das personagens.

Desse modo, conforme demonstrado anteriormente na análise individual das personagens Batman e Coringa, os traumas, os “dias ruins”, que explicam a origem de cada um delas, foram os únicos aspectos das biografias dessas personagens que permaneceram inalterados ao longo das décadas e da mudança constante de roteiristas.

Nesse sentido, ecoando a teoria do trauma dos primórdios da Psicanálise (FREUD, 1893/1996; 1895/1996; 1896/1996; JUNG, 1916/2011; FAVERO, 2009), as personagens tiveram suas vidas totalmente modificadas após o trauma sofrido por cada uma delas. Bruce Wayne se tornou um justiceiro (o Batman), privando-se de uma vida conjugal e pessoal satisfatória, mesmo cercado de todos os benefícios que sua vida privilegiada de herdeiro milionário de um império industrial poderia proporcionar a ele. Por seu turno, Jack Napier perdeu a identidade, abandonou a ordem do senso comum e abraçou o caos, assumindo o papel do Coringa.

Dessa maneira, os roteiristas, refletindo a persistência da teoria do trauma no imaginário da cultura anglo-saxônica, fizeram com que as escolhas das personagens gerassem perdas significativas na vida de cada um delas. E essas escolhas, explicitamente descritas pelos roteiristas como sendo motivadas pelas experiências traumáticas do “dia ruim”, tiveram efeito duradouro, pois as personagens passaram a viver centradas e aprisionadas nas escolhas que fizeram a partir de seus respectivos “dias ruins”.

Portanto, verifica-se que, no imaginário das HQs do universo Batman, ainda é válida a concepção de trauma segundo a qual:

Pode-se mesmo dizer que o termo “traumático” não tem outro sentido que econômico. Chamamos assim a uma experiência vivida que leva à vida da alma, num curto espaço de tempo, um acréscimo de estímulos tão grande que sua liquidação ou elaboração, pelos meios normais e habituais, fracassa, o que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético (FREUD, 1916-17, p. 275).

Nesse sentido, a predisposição psíquica influencia diretamente na percepção de um evento como sendo “traumático” (JUNG, 1916/2011). Essa questão apareceu nitidamente nas HQs analisadas. A interpretação que os roteiristas fizeram com que o Batman e o Coringa tivessem de seus respectivos “traumas” foi decisiva para que fosse inteligível para os leitores o direcionamento que as personagens deram para as suas vidas a partir do trauma.

Por isso, podemos afirmar que os roteiristas tornaram a personagem Batman psicologicamente verossímil para os leitores ao atribuir a essa personagem uma tendência psicológica prévia ao trauma. Essa predisposição psíquica atribuída ao menino Bruce Wayne pelos roteiristas foi fundamental para que se tornasse compreensível para os leitores o fato de o Batman não ter se tornado um paladino dourado cumpridor da lei, mas sim um justiceiro, um cavaleiro negro, que segue a própria concepção de justiça, mesmo em detrimento da lei.

Quanto ao Coringa, a percepção do “trauma”, influenciada pelo fracasso prévio na vida e uma predisposição psíquica à impulsividade, contribuíram para que ele interpretasse o trauma como uma demonstração da inevitabilidade das consequências de um “dia ruim”. Dessa maneira, o Coringa, após o trauma, passou a defender a ideologia de que assim como ele era louco, qualquer outro homem não poderia se tornar um lunático se pressionado da maneira correta. A partir dessa “ideologia da loucura”, o Coringa se tornou um “agente do Caos” e passou a seguir uma vida caótica de crimes, na qual poderia até mesmo evitar qualquer relacionamento interpessoal mais sério devido ao fato de ter perdido sua mulher e filho tragicamente.

Assim, seria possível atribuir a cada uma das duas personagens analisadas neste trabalho um rótulo que sintetizasse o seu espírito, motivações e principais características: Justiça e Caos.

Ao Batman, alter ego do órfão bilionário Bruce Wayne, seria atribuída a palavra Justiça, devido à dedicação hercúlea, ainda que neurótica, empenhada para buscá-la. Após a morte de seus pais em um beco escuro, ele fez um juramento, que livraria Gotham de seus crimes, dando a essa cidade a Justiça. Para alcançar esse objetivo, o Batman criou suas próprias regras, muitas delas em desacordo com a Lei, mas sempre visando à Justiça (FINGER; KANE, 1941/2008). E o Batman sempre seguirá essas regras pessoais custe o que custar. Se comparada com a justiça

pregada pelas leis pura e simplesmente, o Batman infringiria muitas das leis durante o cumprimento da “sua Justiça”. Porém, ele ainda assim tem seus limites, sendo o maior deles, a morte: o homem morcego nunca irá tirar uma vida para com isso chegar à plenitude da “sua Justiça”.

O Coringa por sua vez, representa o Caos. Um homem comum, que teve um “dia ruim”, no qual perdeu esposa e filho, sofreu um acidente em um tanque tóxico e a partir daí abandonou para sempre a identidade de Jack Napier e se tornou apenas o Coringa. Ele é um agente do Caos, mas não apenas um caos tolo e desenfreado, como um furacão que simplesmente destrói tudo por onde passa. Assim como Hamlet, há ordem na execução do Caos do Coringa, há método na loucura dele. Uma vez que o Coringa se trata de uma pessoa ímpar, também é ímpar a sua forma de agir, o que o torna praticamente imprevisível e sempre tão perigoso. Desprovido de culpa e de empatia, desde o seu surgimento, o “Palhaço do Crime” desenvolveu uma obsessão pelo Batman. Obsessão essa que regula as ações do Coringa, motivando-o incansavelmente a continuar a espalhar o caos por Gotham. E a intenção do desencadeamento do caos é atrair a atenção do Batman, o oposto complementar necessário para dar sentido à existência do Coringa (FINGER; MOLDOFF, 1963/2013; MILLER; VARLEY, 1986/2011; MORRISON; MCKEAN, 1989).

Nas duas personagens, é possível ver de forma clara pontos comuns, por maior que possa parecer a diferença entre “mocinho e bandido”. As duas personagens são marcadas pela obsessão. Naturalmente, cada uma delas foi imaginada pelos roteiristas com uma obsessão peculiar, uma força maior que motiva cada uma das personagens a não parar e a não desistir de seus objetivos por nada. Para o Batman, a obsessão é a promessa de extirpar o crime que lhe arrebatou os pais quando ainda pequeno. Para o Coringa, a obsessão é a adoração e fascínio por aquele que ele julga ser o responsável por sua recriação, pelo seu renascimento como agente do Caos, isto é, o próprio Batman.

Além disso, como já mencionado, o Batman e o Coringa cometem crimes na busca da realização de seus objetivos. Paradoxal e ironicamente, no combate aos criminosos e em prol da justiça, eventualmente, o Batman infringe as leis, tornando-se, tecnicamente, também um criminoso.

Da mesma forma como são detectadas as características que tornam o Batman e o Coringa semelhantes, também se pode verificar a principal característica que os diferencia entre si: a humanidade. Cada uma das personagens traçou e delimitou linhas que permitem a eles agirem e demonstrarem o quão humano cada um deles ainda é, mesmo envoltos em um mundo de crimes, mortes e corrupções tão sujo como é o mundo sombrio de Gotham imaginado pelos roteiristas.

Na visão dos artistas, o Batman se permitiu fazer o que for necessário para que a sua justiça aconteça. Ele não se apega apenas às leis dos homens para capturar e levar os criminosos a julgamento. O Batman é capaz de agir com brutalidade e violência, mas evita, de todas as formas possíveis, assassinar algum criminoso. Desse modo, a iminência da morte de outra pessoa é até aonde ele vai: trata-se do seu limite de ação autoimposto. E esse limite, isto é, evitar matar, permite que ele sinta que se mantém humano em um mundo sombrio e imoral tomado por monstros do crime.

Por outro lado, os artistas conceberam o Coringa como alguém que pensa que matar é só parte da diversão. Não importa para o “Palhaço do Crime” que as vítimas sejam mulheres, crianças ou idosos inocentes e indefesos. Como agente do caos, para o Coringa não há limites, não há problema algum se um hospital vier pelos ares, mesmo que neste hospital haja crianças doentes ou mulheres grávidas. Na visão dos roteiristas, para suportar a realidade do terrível mundo em que a sua vida se transformou após a morte trágica da esposa grávida, o Coringa se transformou em algo inumano. Sua feição distorcida, seu sorriso deformado e amarelado e seus olhos esbugalhados refletem a sua verdadeira personalidade: um monstro que nasceu quando um homem desesperado morreu em um tanque tóxico. Desse modo, não seria exagero afirmar que a humanidade do Coringa foi lavada junto com a cor de seu cabelo e sua pele, dando origem, na imaginação dos roteiristas, a uma criatura vil e maligna.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente artigo foi verificar a presença da teoria do trauma no imaginário das histórias em quadrinho do universo Batman. Com base na análise da amostra de histórias em quadrinhos selecionadas para este estudo, verificou-se que a teoria do trauma persistiu no imaginário das HQs do Batman, visto que, desde 1939 até a atualidade, os roteiristas têm descrito que as personagens Batman e Coringa passaram por um evento traumático para justificar a personalidade e as ações dessas personagens.

REFERÊNCIAS

AZZARELLO, B.; RISSO, E. **Batman Cidade Castigada**. Barueri: SP. Panini Books, 2007.

BARR, M.W.; DAVIS, A. “...Meu começo... e meu provável fim.”. **As maiores histórias do Batman**. São Paulo: Panini Comics, 1987/2008.

- COZBY, P.C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.
- DIXON, C.; BARRETO, E. **A queda do morcego: a origem do homem que vai destruir Batman**. São Paulo: Abril Jovem, 1993.
- DIXON, C.; NOLAN, G.; HANNA, S. **Coringa Advogado do Diabo**. São Paulo: Jovem Abril, 1997.
- ENGLEHART, S.; GIORDANO, D. A noite do caçador. **As maiores histórias do Batman**. São Paulo: Panini Comics, 1974/2008.
- FAVERO, A. B. **A noção de trauma em psicanálise**. Tese de Doutorado –Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 135p, 2009.
- FINGER, B.; KANE, B. Batman. **As maiores histórias do Batman**. São Paulo: Panini Comics, 1939/2008.
- FINGER, B.; KANE, B. O caso do bandido honesto. **As maiores histórias do Batman**. São Paulo: Panini Comics, 1941/2008.
- FINGER, B.; MOLDOFF, S. Primeiro Batman. **Arquivos de casos inexplicáveis**. As histórias que inspiraram Batman – descanse em paz. São Paulo: Panini Books, 1956/2013.
- FINGER, B.; MOLDOFF, S. Robin morre ao amanhecer. **Arquivos de casos inexplicáveis**. As histórias que inspiraram Batman – descanse em paz São Paulo: Panini Books, 1963/2013.
- FREUD, S. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1893/1996.
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1895/1996.
- FREUD, S. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1896/1996.
- FREUD, S. **Esboço de psicanálise**. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1938/1996.
- GLASS, A.; DALLOCCHIO, F. **Esquadrão Suicida: os novos 52**. São Paulo: Panini Comics, 2013.
- GREENBLATT, S. O novo-historicismo. **Revista de Estudos Históricos**, v.4, n.8, p.244-261, 1991.
- JOHNS, G.; FRANK, G. **Terra Um**. São Paulo: Panini Books, 2013.
- JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1916/1987.
- JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes, 1971/2011.
- KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

- LANG, R. **Batman & Robin: A family romance**. American Imago, v.47, p.293-319, 1990.
- LOEB, J.; SALE, T. **Batman: o longo dia das bruxas**. São Paulo: Abril Jovem, 1998.
- MATTAR, F. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1996.
- MILLAR, M.; GIORDANO, D. **O preferido: as maiores histórias do Batman**. São Paulo: Panini Comics, 1996/2008.
- MILLER, F.; VARLEY, L. **Batman: o Cavaleiro das Trevas**. São Paulo: Panini Books, 1986/2011.
- MILLER, F.; MAZZUCHELLI, D. **Batman: ano um**. São Paulo: Panini Comics, 1987/2011.
- MOORE, A.; BOLLAND, B. **Batman: a piada mortal**. São Paulo: Abril, 1988.
- MORRISON, G.; MCKEAN, D. **Asilo Arkham: uma séria casa em um sério mundo**. São Paulo: Panini Books, 1989.
- NINA-E-SILVA, C.H. **O ensino da perspectiva skinneriana sobre a personalidade pelos filmes "Batman Begins" e "Cavaleiro das Trevas"**. Unoesc & Ciência-ACBS, v.5, n.2, p.197-202, 2014.
- NOCENTI, A.; TARRAGONA, J. **A sombra do Batman**. São Paulo: Panini Comics, 2013.
- O'NEIL, D.; ADAMS, N. **A vingança quántupla do Coringa: as maiores histórias do Batman**. São Paulo: Panini Comics, 1973/2008.
- ROBBINS, F.; GIORDANO, D. **O Batman que ninguém conhece! As maiores histórias do Batman**. São Paulo: Panini Comics, 1973/2008.
- ROSS, A.; DINI, P. **Batman: guerra ao crime**. São Paulo: Abril, 2000.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SNYDER, S.; CAPULLO. **Batman: os novos 52**. São Paulo: Panini Comics, 2012.
- SNYDER, S.; CAPULLO. **A sombra do Batman: os novos 52**. São Paulo: Panini Comics, 2013.